

CHECAGEM É A CARTA NA MANGA: OFICINAS DE COMBATE À DESINFORMAÇÃO COM O JOGO *OPERAÇÃO VERDADE* NO ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA

Giulia Siqueira Gomes de Carvalho ¹

Regina Claudia Custódio de Lima ²

Tiago de Aguiar Rodrigues ³

RESUMO

No cenário sociopolítico atual, a disseminação de desinformação, impulsionada pelas redes sociais, configura-se como uma ameaça crescente à democracia. Reconhecendo o relevante papel da escola no enfrentamento desse problema, desenvolvemos e aplicamos, em cinco oficinas pedagógicas nas aulas de Língua Portuguesa, o jogo *Operação Verdade*, de autoria própria, com turmas do 8º ano do Ensino Fundamental da Escola Dom José Maria Pires, localizada na cidade de João Pessoa, Paraíba. A proposta teve como objetivo central investigar como práticas de análise linguística podem contribuir para a formação de leitores críticos frente à desinformação. As oficinas articularam o ensino de transitividade a partir do conceito de Transitividade Escalar (Hopper; Thompson, 1980), com o desenvolvimento de habilidades previstas na Base Nacional Comum Curricular (Brasil, 2018), como distinguir fatos de opiniões e analisar a construção de sentidos nos textos. O jogo *Operação Verdade* é um recurso lúdico, acessível e replicável, que orienta os estudantes a identificar, questionar e corrigir enunciados potencialmente não confiáveis com base em diferentes graus de transitividade, com o objetivo de promover a análise crítica sobre o funcionamento da linguagem e formar peritos linguistas para o combate à desinformação. Neste trabalho, apresentamos os resultados obtidos durante as oficinas, a análise das interações dos estudantes com o jogo, as estratégias linguísticas por eles mobilizadas e os avanços na compreensão dos efeitos de sentido em textos não confiáveis. Nosso objetivo é discutir como práticas didáticas fundamentadas em uma perspectiva cognitivo-funcional, aliadas a abordagens lúdicas, podem fortalecer o papel social do ensino de Língua Portuguesa. Como resultados preliminares, observamos que a aplicação do jogo favoreceu o engajamento dos estudantes na análise linguística, especialmente no reconhecimento de padrões comuns em discursos de desinformação, indicando potencial para o desenvolvimento do pensamento crítico e da consciência cidadã.

Palavras-chave: *Operação Verdade*, Jogo pedagógico, Desinformação, Transitividade Escalar, Ensino de Língua Portuguesa.

INTRODUÇÃO

¹ Graduada em Letras-Português na Universidade Federal da Paraíba – UFPB, giuliacarvalho2@gmail.com;

² Mestra em Letras pela Universidade Estadual da Paraíba – UEPB, reginaclaudialima@gmail.com;

³ Doutor em Linguística pela Universidade de Brasília – UnB, tiagoar.lp@gmail.com.



O cenário sociopolítico atual é profundamente marcado pela digitalização que, ao inundar a sociedade com um volume sem precedentes de informação, transforma radicalmente nossas interações. Nesse contexto, emerge a “infocracia”, um regime em que a própria democracia é corroída pela sobrecarga de dados e pela manipulação informacional (Han, 2022). Essa realidade se materializa na rápida disseminação de narrativas que, amplificadas por plataformas digitais, fragmentam o debate público e desafiam a legitimidade dos discursos institucionais. No cerne dessa crise está um desafio de natureza fundamentalmente linguística: a forma como os discursos são construídos, interpretados e validados.

Contudo, embora a língua seja uma atividade sócio-cognitiva, histórica e situacional, que se manifesta em diferentes gêneros textuais para promover a interação (Marcuschi, 2016), o ensino de gramática continua, paradoxalmente, dissociado da construção de sentido. Esta desconexão, diante desse cenário, evidencia a necessidade urgente de que o ensino de Língua Portuguesa integre o estudo gramatical às relações entre forma, sentido e uso da língua, e destaca o papel social da escola para desenvolver habilidades cruciais para o enfrentamento da desinformação. Por isso, destacamos que a resposta pedagógica a esse desafio não pode se limitar a simplesmente alertar os estudantes sobre a existência de “fake news”. É indispensável, na verdade, o desenvolvimento de práticas eficazes que os preparem para serem leitores críticos, capazes de analisar a construção de sentidos nos textos que consomem. Afinal, se é pela linguagem que os discursos manipuladores circulam e constroem narrativas de violência e desigualdade, também é por ela que se constrói a resistência a eles.

Nesse sentido, esta pesquisa parte da urgência social do enfrentamento à desinformação, da necessidade de inovação pedagógica com metodologias ativas, e da contribuição do ensino de Língua Portuguesa para conectar a análise linguística a uma prática social concreta, conforme previsto pela Base Nacional Comum Curricular (BNCC). O objetivo principal deste trabalho foi, portanto, investigar como as práticas de análise linguística, especificamente o ensino da transitividade, podem contribuir para a formação de leitores críticos frente à desinformação, por meio do jogo Operação Verdade⁴ (Carvalho; Aguiar, 2024).

⁴ O jogo está em fase de registro na Biblioteca Nacional, sob o protocolo 000984.0228342/2025, com o objetivo de proteger a criação intelectual. Tal procedimento assegura a autoria e permite sua distribuição e replicação como material pedagógico.



Para concretizar essa meta, foi desenvolvida uma pesquisa qualitativa, fundamentada em uma intervenção pedagógica. Essa intervenção esteve vinculada ao “Escola Sem Fake”, projeto de licenciatura da Universidade Federal da Paraíba (UFPB) que objetiva criar pontes entre a pesquisa sobre desinformação e o ensino de Língua Portuguesa na educação básica. O percurso metodológico envolveu: (1) o planejamento e aplicação de oficinas pedagógicas que articularam o conceito de Transitividade Escalar (Hopper; Thompson, 1980) com habilidades da BNCC; (2) a utilização do jogo Operação Verdade (Carvalho; Aguiar, 2024) como recurso lúdico-pedagógico que articula essa teoria à ludicidade; (3) a análise das interações dos estudantes com o jogo e as estratégias linguísticas por eles mobilizadas; e (4) a discussão de como essa abordagem cognitivo-funcional, aliada à ludicidade, pode fortalecer o papel social do ensino de Língua Portuguesa.

A intervenção foi conduzida em cinco oficinas pedagógicas, utilizando o jogo Operação Verdade (Carvalho; Aguiar, 2024) como recurso pedagógico para articular a fundamentação teórica na Transitividade Escalar (Hopper; Thompson, 1980) às diretrizes da BNCC. Como resultados, observamos que a aplicação do jogo favoreceu o engajamento dos estudantes na análise linguística, especialmente no reconhecimento de padrões comuns em discursos de desinformação. Tais resultados indicam um potencial significativo da abordagem para o desenvolvimento do pensamento crítico e da consciência cidadã.

Para expor o percurso completo desta investigação, o artigo está estruturado da seguinte forma: primeiramente, apresentamos a discussão sobre a desinformação e o ensino de Língua Portuguesa; em seguida, detalhamos como as oficinas foram elaboradas e aplicadas; posteriormente, analisamos a experiência dos estudantes; por fim, apresentamos a conclusão da pesquisa. Na próxima seção, iniciamos o referencial teórico, discutindo a articulação entre o problema da desinformação e a necessidade de enfrentá-la através de práticas de análise linguística.

REFERENCIAL TEÓRICO

Como mencionado anteriormente, a aceleração da informação, característica central da infocracia, fragmenta o tempo e a percepção, dificultando processos de reflexão (Han, 2022). Esse cenário, somado à facilidade de produção, pela velocidade de disseminação e pela busca por engajamento que explora o apelo emocional na esfera



digital (Cesarino, 2022), estimula que textos não confiáveis ganhem múltiplos tipos e formatos, e torna o ambiente ainda mais propício a ameaças à democracia.

Para organizar esse campo, Wardle e Derakhshan (2023) propõem o conceito de “desordem informacional”, que se baseia não apenas na veracidade do conteúdo, mas na intenção do agente. Eles definem a desinformação (*disinformation*) como conteúdo falso criado e disseminado deliberadamente para causar dano. Diferente dela, a informação falsa (*misinformation*) também é não confiável, mas compartilhada sem a intenção de prejudicar. Por fim, consideram a informação maliciosa (*mal-information*) como que se baseia na realidade (não é falsa), mas usada estrategicamente para causar danos. Apesar dessa distinção proposta pelos autores, neste artigo adotamos “desinformação” como um termo guarda-chuva, para abarcar tanto as situações intencionais quanto as não intencionais de disseminação de conteúdo manipulador.

Diante desse contexto, a BNCC (Brasil, 2018), documento norteador da educação básica, prevê o desenvolvimento de habilidades que compreendem a análise linguística como ferramenta para a leitura crítica. De acordo com a BNCC (Brasil, 2018), espera-se que os estudantes, ao longo dos anos finais do Ensino Fundamental, sejam capazes de reconhecer verbos transitivos e intransitivos (EF07LP05), identificar complementos verbais (EF08LP06, EF08LP07), analisar os efeitos de sentido da voz ativa e passiva (EF08LP08) e diferenciar os efeitos de sentido dos verbos de ligação (EF09LP06). Contudo, a simples listagem desses conteúdos na BNCC não garante, por si só, uma abordagem crítica e conectada à realidade dos estudantes.

Da mesma forma, como observou Marcuschi (2016), os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) (Brasil, 1997), por exemplo, já refletiam avanços significativos das teorias linguísticas, pois indicavam uma abordagem que colocava o texto como unidade central do ensino e tratava a produção linguística como um discurso contextualizado. Além disso, os PCNs davam atenção à língua em uso, incentivando a reflexão sobre os fenômenos linguísticos em vez de fixar a gramática como um conjunto de regras, ao mesmo tempo em que reconheciam a importância da variação linguística. Mas, mesmo com essa fundamentação teórica disponível nos documentos oficiais, não temos observado um avanço significativo na superação de práticas tradicionais. A dificuldade em aplicar efetivamente uma abordagem que trate a sintaxe como parte da construção de sentidos, e não como mera classificação, evidencia uma discrepância entre o que é proposto oficialmente e o que de fato acontece no ensino cotidiano.



Parte desse desafio, como apontam Pilati *et al.* (2011), não reside na capacidade intuitiva dos estudantes, que já compreendem e aplicam as funções sintáticas de sua língua, mas sim na falta de sistematicidade e nas definições circulares encontradas nas gramáticas tradicionais. Isso demonstra que uma abordagem puramente classificatória se mostra insuficiente, pois, se os estudantes já dominam a estrutura sintática intuitivamente, o ensino de transitividade, por exemplo, precisa ser articulado com uma perspectiva que os leve a compreender por que essas estruturas são usadas.

Infelizmente, essa lacuna é reforçada pela própria BNCC ao não oferecer uma fundamentação clara para o ensino de gramática, pois, assim, o documento permite que práticas tradicionais, focadas na memorização de regras fixas, persistam (Brunieri, 2022). A BNCC também falha em enfatizar o papel da gramática como elemento fundamental para a construção discursiva e compromete diretamente a capacidade dos estudantes de analisar criticamente os diferentes contextos e usos da língua.

Portanto, necessitamos de um modelo que estimule os estudantes a perceberem as estruturas sintáticas como resultado de intenções específicas na mobilização de sentidos, entendendo como suas escolhas gramaticais impactam diretamente a construção do discurso. Observamos no ensino de transitividade, já previsto na BNCC, um potencial especial para a compreensão dos efeitos de sentido articulados pelas escolhas linguísticas, sobretudo quando abordado pela perspectiva da Transitividade Escalar (Hopper; Thompson, 1980).

Essa teoria propõe que a transitividade não seja compreendida como uma categoria binária, mas uma escala. Nela, um evento considerado de alta transitividade envolve múltiplos parâmetros, como agente com capacidade e intenção de agir no mundo e objeto totalmente afetado, criando um efeito de sentido de transferência clara de ação. Em contraste, eventos considerados de baixa transitividade carecem desses parâmetros e resultam em efeitos mais estáticos, menos diretos ou menos agentivos.

A ponte teórica com a desinformação se estabelece na forma como vivemos e compreendemos o mundo. Vivemos através de histórias, mas, como aponta Han (2023), o espírito da narração está sendo soterrado por um fluxo muito intenso de informações. No Brasil, o consumo acelerado de informações reflete essa crise, com usuários descartando dados rapidamente, sem contexto. Os discursos de desinformação prosperam nesse ambiente, portanto, os parâmetros dos diferentes graus de transitividade oferecem um panorama amplo que permite uma compreensão mais aprofundada e crítica sobre os meios pelos quais a linguagem pode ser manipulada para



construir essas narrativas enganosas. A aplicação dessa perspectiva no contexto escolar exige superar a mera classificação e, como defende Quarezemim (2017), introduzir um estudo científico da linguagem que permita aos estudantes um processo de observação e raciocínio sobre o funcionamento real da língua, neste caso, com foco nos textos de desinformação.

Comumente, esses textos apresentam padrões de baixa transitividade, uma estratégia discursiva que minimiza a efetividade das ações e o envolvimento direto dos agentes nos eventos descritos. Como apontam Aguiar e Carvalho (2024), cognitivamente, isso reflete uma tentativa de relativizar as responsabilidades e diluir o impacto das ações, tornando o discurso menos assertivo e mais evasivo.

Tendo em vista a urgência do enfrentamento à desinformação e da importância das aulas de Língua Portuguesa nesse cenário, elaboramos e aplicamos uma oficina dividida em cinco encontros em três turmas de oitavo ano da Escola Dom José Maria Pires. A proposta utilizou o jogo Operação Verdade (Carvalho; Aguiar, 2024), um jogo de cartas que traduz a teoria da Transitividade Escalar (Hopper; Thompson, 1980) para uma aplicação lúdica que articula trabalho em equipe e análise linguística. Este planejamento e aplicação são detalhados na próxima seção.

METODOLOGIA

O objetivo central desta pesquisa foi investigar como práticas de análise linguística podem contribuir para a formação de leitores críticos frente à desinformação. Para isso, foi desenvolvida e aplicada uma intervenção pedagógica dividida em cinco encontros com três turmas do 8º ano do Ensino Fundamental da Escola Dom José Maria Pires (João Pessoa-PB). A intervenção foi autorizada pela gestão escolar, mediante consentimento dos estudantes e responsáveis, em conformidade com os princípios éticos da pesquisa educacional.

A proposta buscou articular o ensino de transitividade, com base no conceito de Transitividade Escalar (Hopper; Thompson, 1980), ao desenvolvimento de habilidades previstas na Base Nacional Comum Curricular (Brasil, 2018). Por meio de uma dinâmica lúdica, replicável e de fácil aplicação, o jogo Operação Verdade (Carvalho; Aguiar, 2024) foi utilizado para guiar os estudantes a uma compreensão crítica da linguagem. O foco foi demonstrar como a análise da transitividade, em perspectiva



escalar, serve de ferramenta para a checagem de textos de desinformação e para o desenvolvimento do letramento midiático.

Dessa forma, a intervenção iniciou-se com uma etapa diagnóstica. No primeiro encontro, aplicamos um questionário aos estudantes para avaliar seus conhecimentos prévios sobre o conceito de desinformação, o conceito de transitividade e suas práticas habituais de checagem. Com o questionário, buscamos sondar o que entendiam por desinformação, onde percebiam sua circulação, como avaliavam a confiabilidade de um conteúdo e suas impressões sobre a intencionalidade no compartilhamento e a vulnerabilidade de certos públicos. Este momento foi seguido por uma discussão conceitual introdutória sobre os diferentes formatos da desinformação.

No segundo encontro, abordamos a Transitividade Escalar (Hopper; Thompson, 1980) como possibilidade de realização da checagem de padrões comuns de baixa transitividade em textos de desinformação. Introduzimos esta análise por meio do jogo Operação Verdade (Carvalho; Aguiar, 2024), no qual apresentamos o “Quadro da Verdade”, uma adaptação lúdica dos parâmetros de transitividade propostos pelos autores. Conduzimos a aplicação do quadro com perguntas norteadoras e realizamos um debate na turma sobre como cada parâmetro mobiliza os sentidos em uma narrativa.

Nos encontros centrais (3 e 4), direcionamos os estudantes para a aplicação lúdica da teoria por meio do jogo. Utilizamos a “Missão 3: Desafio de Argumentação”, na qual os estudantes foram desafiados a defender ou refutar um enunciado, fundamentando-se em evidências linguísticas (referenciadas no “Quadro da Verdade”). O propósito dessa missão foi exercitar a oralidade, a escuta ativa e a estruturação de argumentos por meio da análise da transitividade. Com essa dinâmica, reforçamos que o objetivo não era “vencer o debate”, mas desenvolver a habilidade de argumentar com base em evidências linguísticas e considerar o ponto de vista dos colegas.

Nessa missão, os estudantes analisaram a transcrição de um vídeo real, veiculado em redes sociais, sobre uma questão local (a construção de uma praça), narrado por um morador do entorno da escola. A transcrição foi dividida em 12 enunciados, distribuídos entre 4 grupos (3 enunciados por grupo). Seguindo as orientações do jogo, os estudantes se engajaram coletivamente na análise de cada enunciado antes que o grupo avançasse para o enunciado seguinte. Assim, puderam discutir sobre a presença de cada elemento linguístico e como esses elementos mobilizaram sentido na história. Posteriormente, os estudantes discutiram coletivamente se o texto era confiável ou não, com base nas



evidências linguísticas que encontraram para checar a recorrência de alta e baixa transitividade.

No último encontro (5), realizamos a discussão final para consolidar os aprendizados e encerramos a intervenção com um questionário final. Com este questionário, buscamos avaliar possíveis mudanças em sua definição de desinformação, na percepção sobre onde ela circula, nos critérios de checagem e na compreensão sobre a intencionalidade do compartilhamento. Investigamos também o contato prévio dos estudantes com o conceito de transitividade e como o jogo auxiliou nesse aprendizado, na reflexão sobre padrões em textos não confiáveis e no papel da linguagem para a construção da desinformação. A análise dos dados coletados por meio desses questionários e das nossas observações será detalhada na seção seguinte.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Como detalhado na metodologia, a avaliação da eficácia do jogo e da abordagem pedagógica foi realizada através da observação direta do engajamento e das discussões dos estudantes durante as oficinas, bem como pela análise comparativa dos questionários. A intervenção contou com 66 respostas no questionário diagnóstico, intitulado “Início da Operação”, e 49 respostas no questionário final, intitulado “Missão Cumprida”, incluindo estudantes e a professora regente. Os dados apontam que o jogo Operação Verdade (Carvalho; Aguiar, 2024) facilitou a compreensão e a aplicação da análise linguística da transitividade na perspectiva escalar.

No questionário inicial, a maioria dos estudantes demonstrava um entendimento básico sobre o conceito de desinformação, a exemplo de definições como “informações falsas” (Estudante A) ou “informações erradas” (Estudante B). Seus métodos de checagem também eram genéricos, a exemplo de “vendo sua fonte” e “pesquisando sobre o assunto”, ou até mesmo inexistentes (Estudante C). O salto qualitativo foi evidente nos dados do questionário final: observamos que a vasta maioria dos estudantes afirmou que o jogo estimulou sua reflexão sobre padrões comuns em textos de desinformação, e uma unanimidade entre os respondentes atestou que o jogo ajudou a tornar o aprendizado de transitividade acessível, um conceito que a grande maioria relatou ser sua primeira vez de contato.

Além dos resultados dos questionários, o ponto central da intervenção (encontros 3 e 4), focado na análise do vídeo sobre a praça local, confirmou na prática essa



eficácia. O jogo guiou os estudantes a identificarem a recorrência de padrões de baixa transitividade (11 enunciados) em oposição a apenas um enunciado de alta transitividade. Mais importante que a contagem adequada, foi a qualidade da discussão: os estudantes se engajaram coletivamente para argumentar, usando os elementos materializados na linguagem (ex: ausência de agente claro, uso de verbos estáticos, pouca afetação do objeto) para explicar como essas escolhas mobilizavam sentidos específicos. Eles concluíram que a narrativa do vídeo era inconsistente e, portanto, menos confiável, pois a predominância de baixa transitividade tornava o discurso evasivo, focado em impressões e opiniões, e não em ações concretas e intencionais (Aguiar; Carvalho, 2024).

Observamos que essa evolução na análise refletiu diretamente nos novos critérios de checagem adotados pelos estudantes. O estudante A, que inicialmente citava apenas “ver a fonte”, passou a incluir “os elementos do Quadro da Verdade, se tem muita opinião, pouca ação”. Similarmente, o estudante B, que antes dizia “procuro saber a verdade”, passou a observar “a forma como está escrita, se parece vago”. Já o estudante C, que partiu de um critério inexistente, demonstrou uma apropriação notável da ferramenta, passando a justificar a falta de confiabilidade pela “Ausência de sujeito, enunciado descreve estado e não há ação. Quando há ação, a ação não é concluída e não é intencional”.

Destacamos, ainda, que as contribuições pedagógicas também foram manifestadas pela professora regente. Embora ela já tivesse entendimento técnico da desinformação, relatou no encontro inicial que, mesmo já tendo abordado o tema em sala, sentia “falta de uma abordagem mais sistemática e linguística”. Ao final da intervenção, a professora reforçou a eficácia da proposta afirmando que o jogo “transformou um conceito gramatical abstrato em uma ferramenta de análise palpável” e pontuou que a abordagem escalar foi uma “novidade e muito mais funcional” do que o ensino tradicional de transitividade (TDI, TD, TI) que conhecia. A professora destacou que, além dos critérios que já utilizava, “a análise da estrutura linguística se tornou fundamental”. A recorrência de baixa transitividade é um sinal de alerta”, e concluiu que incluiria a atividade em sua prática docente, pois o jogo “facilitou as discussões sobre desinformação com os estudantes” e conectou a gramática ao uso real da linguagem. A conclusão desta pesquisa será apresentada na seção a seguir.



CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste trabalho, investigamos como a análise linguística da Transitividade Escalar (Hopper; Thompson, 1980) pode auxiliar na formação de leitores críticos de desinformação na educação básica. Constatamos que a aplicação das oficinas com o jogo Operação Verdade (Carvalho; Aguiar, 2024) demonstrou a eficácia da proposta: o formato lúdico promoveu um engajamento significativo dos estudantes com a análise linguística, indo além da abordagem tradicional do tema. Os estudantes não só compreenderam um conceito gramatical complexo, mas o aplicaram com a finalidade de identificar padrões discursivos em textos de desinformação. Esse processo indicou um avanço relevante no desenvolvimento do pensamento crítico e na percepção sobre os usos da linguagem.

Nesse sentido, a contribuição central desta pesquisa para a comunidade científica e escolar reside na apresentação de uma proposta pedagógica acessível e replicável que vincula o ensino de gramática a uma demanda social premente. Reforçamos que partimos do princípio de que a linguagem fundamenta as relações humanas e, consequentemente, é também o veículo pelo qual circulam discursos manipuladores. Por isso, a capacidade de analisar criticamente o que é dito, como é dito e com quais efeitos se constitui como uma ferramenta essencial de intervenção social. Reconhecer a potência da análise linguística implica, assim, o dever de apoiar iniciativas educacionais como o “Escola Sem Fake” e demais projetos que articulam pesquisa e ensino, promovem práticas pedagógicas alinhadas às realidades dos estudantes e fortalecem o papel do professor de Língua Portuguesa como um agente de transformação social sensível ao seu contexto.

Entre as limitações desta pesquisa, destacamos que a aplicação ocorreu em uma única escola, com turmas de 8º ano que, em sua maioria, não tiveram contato prévio com o conteúdo de transitividade. Como trabalhos futuros, pretendemos aplicar a oficina em outras séries que já tiveram contato com o conteúdo. Isso permitirá avaliar a recepção dos estudantes e dar continuidade ao processo de adaptação e melhoria do jogo Operação Verdade (Carvalho; Aguiar, 2024), com o objetivo de torná-lo cada vez mais acessível, eficaz e replicável para educadores em todo o país.

REFERÊNCIAS



WARDLE, Claire; DERA KHSHAN, Hossein. **Desordem informacional: para um quadro interdisciplinar de investigação e elaboração de políticas públicas**. Tradução de Pedro Caetano Filho e Abílio Rodrigues. Campinas, UNICAMP, Centro de Lógica, Epistemologia e História da Ciência, 2023.

